



Publicado originalmente em: Revista Humanidades em Foco. Goiânia, 2003.

## O PAPEL DA IDENTIDADE NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO NORDESTE GOIANO<sup>1</sup>

Gisélia Lima Carvalho<sup>2</sup>

*Retomar o poder pela base por meio do cotidiano é, sobretudo, recuperar uma malha territorial que possa permitir o exercício desse poder. Em resumo, trata-se de redescobrir, para as coletividades, malhas concretas que se oponham às malhas abstratas propostas pelo Estado. Estamos certamente no limiar de uma era na qual a região, a que é vivida, desempenhará um papel cada vez maior para as diversas comunidades.*  
(RAFFESTIN, 1980, p. 185)

A região Nordeste Goiano, localizada na divisa com os estados da Bahia e do Tocantins, configura-se sob diversas escalas de apreensão. Na ótica do Estado e da imprensa goiana existe uma grande região homogênea que se funda no clichê de “corredor da miséria” do estado de Goiás. Nessa grande escala, como não há lugar para a diversidade, todos os seus municípios comungam dos mesmos problemas e sua população tem uma única identidade cultuada na figura do baiano, na ignorância, na preguiça e na pobreza. Por isso, toda a região necessita dos mesmos projetos e programas políticos. Nesse sentido, é construída pela exclusão e pela inexpressividade no cenário estadual.

A política, assim como quase sempre foi posta, fomentada pelos interesses particulares, foi a fonte geradora dos problemas contidos no Nordeste Goiano que acabaram por forjar uma região, pensada pelos “de fora” (ALMEIDA, 2003) também como um protótipo do Nordeste brasileiro em relação à forma de fazer política, aos modos de vida da população, à ausência de infra-estrutura dos municípios, etc., o que levou à construção quase exata de um “Nordeste” em Goiás. Um “Nordeste” que, assim como o brasileiro, sustenta uma identidade regional, uma impressão ruim, que reserva o “lugar de gueto nas relações sociais em nível de estado” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 27), que, como registrou *O Popular*: “guarda os piores lugares para se viver em Goiás”<sup>3</sup>.

[T1] Comentário:

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado das reflexões sobre os relatos de entrevistas de alguns moradores dos municípios do Nordeste Goiano colhidos em trabalho de campo durante nossa pesquisa de mestrado intitulada de *Região e Identidade: a construção de um Nordeste em Goiás* defendida em abril de 2003.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e professora do CEFET/GO e Universidade Estadual de Goiás/UEG.

<sup>3</sup> Esse foi um dos títulos dado pelo *O Popular* para uma de suas reportagens sobre o Nordeste Goiano publicada no dia 7 de janeiro de 2003. Em junho de 2000, esse meio de comunicação veiculou outra reportagem intitulada,



Na contramão dessa construção esboçada pelo Estado e pela imprensa, emana outro “Nordeste”, instituído não mais pela homogeneidade, mas pela diversidade e pela semelhança. É uma outra escala menor que, às vezes, coincide com o tamanho do município e só pode ser apreendida com o convívio dos moradores dos diversos “espaços vividos” (FREMÓNT, 1980).

É uma região que se revela em muitas outras. O mais rico e válido de tudo é percebê-las, é vê-las em suas facetas que nos leva a uma mudança nos modos de entendê-la, permitindo que se desnude em suas mais simples formas, nos valores, na beleza, na gentileza contida em cada sujeito que lhe compõe cada parte. Isso só pode ser visto e sentido no interior da região que se destriça em múltiplos “espaços vividos” ou em lugares significativos.

O local da infância e/ou residência é lugar. Para os de fora pode ser desagradável, sem atrativos, mas é de tal forma rico em significados para quem muito o experiência, que a pessoa se sente agredida quando alguém faz um comentário depreciativo a respeito do lugar. Assim, o sentido do lugar envolve enraizamento, amizade e simbolismo (MELLO, 1990, p. 105).

Em pesquisa feita no Nordeste Goiano pudemos ver que o enraizamento, a amizade e o simbolismo causam sentimento de revolta nos moradores em relação à forma como a região é tratada nas matérias veiculadas nos jornais que quase sempre trazem à tona uma imagem pejorativa de uma região abstrata e com a qual ninguém queria ser associada ou identificada. Para eles, foi entendido que era uma estratégia política tratar a região de forma tão depreciativa, usando as imagens oportunas para tentar provar que era real o que os políticos levantavam como bandeira. Dessa forma, seus espaços não coincidiam com aqueles projetados pelo jornal. E, com isso, definiram melhor a região que lhes representasse, que reunisse vantagens, valores próprios do seu povo, que pudesse compor uma alternativa para a identidade monolítica, homogênea propagada no Nordeste Goiano e fundada na idéia de miséria.

---

*Miséria esvazia as cidades*, onde o Nordeste Goiano, em virtude da ausência de “infra-estrutura e de outros atrativos”, aparece como centro de dispersão de população. Como recurso metodológico de análise, foram utilizados diversos dados econômicos coletados no IBGE das regiões Nordeste e Sudoeste goianos postos lado a lado. Da mesma forma, no dia 2 de setembro de 2001, o mesmo jornal trouxe como manchete do caderno *Cidades* uma outra reportagem com o nome: *Os vários mundos de Goiás*, onde levantava os contrastes entre as regiões mais ricas do estado e as mais pobres. Nesse mesmo caderno, em 12 de janeiro de 2003 *Os extremos em Goiás*, foi outra matéria divulgada para expressar a discrepância entre cidades do Sudoeste Goiano e do Nordeste Goiano: Chapadão do Céu e Buritinópolis, respectivamente, a melhor e a pior cidade para se viver no estado de Goiás. Além dessas, outras reportagens ainda foram realizadas com essa temática e com essa metodologia.



Posta essa definição, a região pode se desvelar em identidades heterogêneas e complementares, a partir da alternativa que vem do interior da região, mas com base nos municípios. Em vez de um único Nordeste que tente representar um “nós”, surgem vários Nordestes representados por “eus”. É a liberdade de serem diferentes, de se tratarem como baianos, goianos ou mistos, de exigirem cuidados condizentes com a realidade de cada povo, de cada *microrregião* que surge em meio à imposição dessa identidade unívoca e ideologizada, fundada em mitos, em discursos de pobreza e de miséria.

As primeiras etapas desse processo foram percebidas através da rejeição a um modelo fechado de programas para todo o Nordeste Goiano como se todos os municípios fossem completamente iguais em suas necessidades. Em cada município, notamos uma vontade de cada entrevistado ser diferente, de não se identificar com uma realidade dita pelo jornal e de não concordar com os programas de governo para todos os municípios.

Os relatos dos entrevistados refletiram a conscientização política que vai se gestando aos poucos no espaço dos municípios. “Uma vez elaborada a consciência dos problemas, segue a exigência prática da organização”, como bem ressaltou Demo (1980, p. 34). A crítica às conseqüências geradas pelos programas elaborada pelos entrevistados mostra como o papel da participação dos moradores no desenvolvimento do seu município está vinculado à transformação do indivíduo em sujeito, em cidadão capaz de fiscalizar o Estado. Quem cobra, quem questiona, quem pensa, não é o indivíduo, mas o sujeito, o que equivale dizer que uma parte muito considerável desses entrevistados tornou-se sujeito. Estes sim, são capazes de construir um projeto para sua comunidade, para seu município, para sua região. Esta transformação, automaticamente, resulta naquilo que Castells (1999) destacou como algo fundamental na composição das “identidades de projetos”. Estas, para ele, “produz [em] sujeitos” (p.26) geradores de uma nova realidade.

Neste caso, a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade.

A identidade precisa ser resgatada, reconstruída na história política, social e cultural da sociedade regional. É só depois de estar definido a questão de identidade que uma comunidade caminha, porque ganha resistência e a autonomia da qual a região precisa para se desenvolver. Assim, percebemos que, “sem identidade não há autonomia, e sem autonomia

não pode haver participação da população no desenvolvimento de sua região”<sup>4</sup> (GIMÉNEZ, 2000, p. 122). Assim sendo, como aponta Demo (op. cit., p.96), “a identidade é a parteira da participação porque planta a fé do grupo em seu futuro”.

As respostas passam a vir da própria sociedade. Em uma entrevista com uma moradora de Teresina de Goiás – uma juíza aposentada – ela, contestando a opção dos governantes da região pela política de cabresto, nos relatou um caso que ocorreu com ela quando ainda era adolescente, em Goiânia:

Eu estava revoltada com um fato político que havia ocorrido naquela época quando levei meu pai para consultar com um médico, velho amigo da família. Lá, lamentando para ele, ele veio com essa: enquanto todos os políticos dormem, a sociedade se refaz. E é assim que acredito que ocorra mesmo, aqui em Teresina tem sido assim.

O Nordeste Goiano há muito não é mais aquilo que o governo e o jornal fazem questão de dizer que é e exploram enquanto imagem. Ele já se rebelou, não aceita mais receber qualquer nomeação e pronto. “*Só quem parou no tempo foram eles*”, disse Luana, referindo-se aos políticos da região, em Alto Paraíso. Mesmo o Nordeste que o programa diz estar transformando em NOVO, há muito já foi batizado assim por sua população que considera, quase que de modo geral, andou sozinho com o andar da carruagem da história e a história de cada morador.

Os modos de vida da população que reside nos vários municípios do Nordeste Goiano devem ser marcados sim, pela diferença, mas uma diferença que seja o trampolim do acesso às possibilidades geradoras da autonomia, da capacidade de nortear o futuro de suas vidas e da engrenagem da região, para que depois disso possam, dentro de um número de oportunidades, escolher aquelas que melhor lhes atenderem. O Estado deve assumir também esse papel. Ele deve ser o provedor das alternativas, não o contrário. E isso deve ser efetivado por meio de políticas públicas e ações combinadas que levem em conta não só a economia, mas também, a cultura e a identidade regional. Para Gimenez (2000, p. 128), uma política sensata de desenvolvimento regional consiste em atender um jogo de ações que envolva, simultaneamente, modernidade e tradição: “abrir a região ao mundo, cultivar sua especificidade histórica e cultural, e, finalmente, estimular a participação dos seus habitantes, já

---

<sup>4</sup> “Sin identidad no hay autonomía, y sin autonomía no puede haber participación de la población en el desarrollo de su región” (GIMÉNEZ, 2000, p. 122).



que se trata de um desenvolvimento endógeno auto-sustentado (tradução nossa)<sup>5</sup>. Para que esse modelo se concretize, é preciso que se levem em consideração as diversidades, que se esteja aberto para aceitar que a região é sempre composta por municípios com problemas nem sempre iguais e com singularidades culturais não-hierarquizadas.

“A diversidade é criativa e feliz, desde que não seja regida pela desigualdade e pela discriminação”, como afirma Uriarte (1997/1998, p. 243). Ela brota de onde menos se espera e é sempre prenhe de muitas novidades e de muitos sonhos. Ela se refaz dia a dia num contínuo fazer-se.

Quando cada *microrregião* do Nordeste Goiano rejeita a possibilidade de uma falsa igualdade imposta pelos mecanismos de poder, talvez até reconheça a semelhança nos problemas, mas, sobretudo, reivindica a liberdade de se mostrar heterogênea. Se a diferença é aberta não há porque inexistir o encontro com outras realidades, com outras regiões, com outros sujeitos. A mídia e o Estado devem dispor-se de meios que estimulem, que mostrem as diferenças culturais e sociais, mas devem estar abertos para aceitá-las não como antinômicas, como negação, favorecendo o preconceito entre as regiões e os seus grupos nelas residentes. O papel desses mecanismos de poder está relacionado ao rompimento da desigualdade de possibilidades que aniquilam o direito de ser diferente, de ter diversidade, de ser uma região onde coexistem goianos e baianos, nordestinos e sulistas, negros e brancos, sertanejos e urbanos, e, ainda, várias *microrregiões* que compõem uma grande região múltipla capaz de contribuir com o desenvolvimento do estado, enriquecendo sua cultura, seu povo e sua economia.

Em que pesem tantos problemas enfrentados pelos moradores do Nordeste Goiano, muitas manifestações do prazer incondicional deles em relação aos seus espaços, sua cidade, seu município foram assimiladas. Percebemos que diante dos tratamentos incautos dados pelas reportagens e pela negligência proveniente da política do Estado os habitantes dessa região seguem inabalavelmente tendo esperanças e sonhos. Somente três pessoas dos entrevistados declararam, por não gostar de viver na região, não se sentir como parte dela. Entretanto, a grande maioria, migrantes e não-migrantes, definiu claramente seu gosto e seu respeito pela região. Das muitas respostas, merece que destaques as seguintes: “*Apesar dos pesares, a gente ama essa cidade. Já tive fora daqui, mas acabei voltando. [...] nossa cidade é muito boa para se viver, é um lugar calmo que a gente constrói amizades de verdade e a gente acredita, tem muita fé que pode somar para*

---

<sup>5</sup> “ [...] abrir la región al mundo, cultivar su especificidad histórica y cultural, y, finalmente, estimular la participación de los habitantes, ya que se trata de un desarrollo endógeno autosustentado” (GIMÉNEZ, 2000, p. 128).

*melhorar*” (Sr. José Cirino, Mambaí). Da mesma forma, Domingos destacou que gosta de morar em Flores de Goiás por se “*viver em contato com a natureza e porque você conhece todo mundo, todos se ajudam. Aqui só tem família!*”, ressaltou com firmeza. O Sr. Prudêncio, ex-prefeito de Iaciara, destaca o caráter do povo e revela: “*Moro aqui há 40 anos, não há uma casa que eu não possa entrar*”. O Sr. Educel, também de Iaciara, colocou sua identidade com seu município acima dos problemas que ele enfrenta, dizendo: “*Amo isso aqui de paixão, por mais que chamem de ‘corredor da miséria’*”. Estes relatos provêm dos muitos significados e dos valores entre estes homens e aquilo que consideram seus lugares, suas regiões de pertencimento em um constante *criar e recriar* o espaço assim como ser *criado e reelaborado* por ele. Não querendo ser determinista, cada homem e cada mulher desses lugares comportam-se dentro deles conforme suas necessidades e encarando uma combinação de dificuldades neles contidas. Assim, vão se adaptando aos lugares, criando vínculos, transformando-os em “geosímbolos” (BONNEMAISON, *apud*. ALMEIDA, 2003) para suas vidas. Utilizando-nos do que Fremónt (1980, p. 177) destacou, de fato “os lugares pertencem aos homens e os homens pertencem aos lugares”.

Empiricamente, o tema ligado aos laços afetivos foi muito destacado por quase todos os entrevistados como uma característica de todos os municípios. Em todos eles teve sempre quem desse outras definições para seus lugares bem diferentes daquelas de *O Popular*, por exemplo. É o caso do Pe. Marcos, que, embora residindo há pouco mais de um ano em Simolândia, falou com bastante afinco como se estivesse em seu município de origem, Monte Alegre de Goiás: “*Gosto muito daqui por me identificar com o povo simples e acolhedor, pelo calor, pela proximidade das pessoas*”. Exprimindo o mesmo sentimento quanto à sua identidade com a região, Floresci, uma jovem de Cavalcante, disse: “*Morei em Brasília 14 anos, mas não tenho saudades. Não saio daqui!*” Nice, de Sítio da Abadia, por gostar tanto da sua cidade, declarou: “*Se eu morrer noutra lugar, me tragam pra cá!*”. Semelhante a ela, uma Sra. mato-grossense, dona de restaurante em Alvorada do Norte, falou que morou em Goiânia muitos anos, gosta, mas que para fazer qualquer serviço é difícil, por isso gosta muito de Alvorada:

Aqui a gente tem amizade com gerente de banco, com toda autoridade. Converso com prefeito no meio da rua, ele abraça a gente. Com o nome que a gente tem aqui, se eu precisar de alguma coisa, ligo em qualquer loja eles mandam pra mim, nem eu preciso ir para assinar. Aqui você só precisa ter o nome. Se você é reta, ser uma pessoa direita você tem nome registrado. Por isso é que eu gosto daqui e não vou embora. Se eu morrer fora daqui, me tragam para ser enterrada aqui! (Dona Ilda, Alvorada do Norte).

Da mesma forma que Dona Ilda, outros migrantes falaram da região com muita ênfase. Uma análise muito interessante foi feita pelo vereador Francisco, um paulista que reside há sete anos em Gauraní de Goiás: *“As pessoas costumam associar a carência de nossa região com a cultura do povo, por preguiça, acomodação. Eu não acho isso! O que acontece é que as pessoas daqui vivem bem, são felizes com muito pouco e eu acho isso muito bonito!”*. Ele tenta tirar algo positivo do fato de a região ter ficado isolada todo esse tempo. Para ele,

A grande “vantagem” que a gente pode ter dessa pobreza econômica é justamente a riqueza natural. Até porque, enquanto as outras regiões já degradaram o seu meio ambiente, a gente, por não ter incentivo, por ser pobre, acabou sendo rico, porque a natureza está praticamente intacta. Então, a partir desse momento, dessa pobreza inicial, nós podemos planejar uma melhor qualidade de vida, de uma maneira mais racional, de uma maneira mais sustentável. A gente tem um patrimônio natural, então, nem todo mal é mau, entendeu? Porque a gente ficou esquecido, esse esquecimento fez com que a gente não estragasse a natureza. Então ficamos com um potencial muito grande, o povo é muito bom, muito trabalhador, tem muitas tradições e muitas esperanças com o lugar e com a região.

Também acreditamos que o caminho para o desenvolvimento da região parte da sua comunidade, assegurando seus interesses. O Estado deve levar em conta, na elaboração de seus projetos e programas, a capacidade de produção dessa população e, acima de tudo, respeitar a diversidade e a riqueza contida na região, não a usando de forma especulativa.

Ao Estado cabe assumir a região do jeito que a sua população o faz. Em Alto Paraíso, duas entrevistadas nos falaram da opção que fizeram pela cidade após terem conhecido muitos lugares. Disse a mãe: *“Vim uma vez só e nunca mais voltei. Larguei tudo, depois meus filhos vieram. Hoje não saio daqui nem pra passear”*. Ela afirmou que saiu de São Paulo porque *“lá há miséria mesmo. Aqui não há mendigo, os pobres daqui têm uma galinha, porco, mandioca, independente de o dólar subir ou baixar. Eles, com certeza, são mais felizes!”*. Segundo ela, em Alto Paraíso,

há uma coisa muito peculiar, acho muito legal que continuem assim enquanto cultura. Essa cultura é tudo o que nós queremos, que nós buscamos hoje. Eles têm a alquimia dos alimentos, eles sabem curar. É um povo muito feliz e auto-suficiente. E quem tem realmente esse poder, eles taxam como miseráveis! O que essa gente tem é tudo o que temos buscado!

Foi muito comum encontrar nos entrevistados um gosto muito apurado pela região aliado a um desejo, a uma esperança de mudança. Mudança esta que está vinculada à política, ao desenvolvimento da região, mas com a comunidade opinando. Como o caminhoneiro Gilson, de São João da Aliança, assinalou: *“O povo daqui é muito bom, o clima e a água daqui é o melhor que vi por esse Brasil todo. Só falta desenvolver!”*. E, por acreditar no potencial de



transformação da sociedade em busca dos seus ideais, o Prof. João Mendes, de Mambaí, fez questão de afirmar: “*Vou ficar para mudar!*”.

Todos os relatos mostram quão grande é o interesse desse povo no crescimento da região e, mais ainda, revelam como sua identidade regional está sólida. As alternativas para que a sociedade se encaminhe para um futuro melhor daquele de outrora já estão sendo encaminhadas no interior dos diversos “espaços vividos” no Nordeste Goiano. O que falta agora deve partir de fora dessas regiões: é “pedagogizar” as formas de aprendê-las e, com base na conclusão de Fremónt (1980), “é preciso reaprender o espaço e reaprender a aprendê-lo” (p. 259). E aprender o espaço é, para esse autor, “decompor as suas múltiplas relações e inter-relações, captar as suas estruturas [...]. Neste sentido, é de fato a combinação regional e os seus sucessivos encaixes, do lugar elementar até o vasto mundo” (p. 260).

É preciso perceber os diversos mundos que constroem outra região que, necessariamente, não coincida com o Nordeste Goiano do Estado, da imprensa ou mesmo do IBGE. Percebendo essa dinâmica regional, essa diversidade interna, a região e seus moradores passam a ser vistos de outra forma, com mais cautela, com mais respeito, com menos interesse e com menos hierarquia. De repente, a melhor forma de aprender a olhar o Nordeste Goiano e sua gente talvez seja de dentro de cada “espaço vivido”, no contato com a riqueza dos modos de vida dos seus moradores. Daí, acreditamos, provêm outras regiões carregadas de significados e de histórias mais interessantes que tantas outras já inventadas, enfeitadas e contadas. Como disse a paulista Sandra, referindo-se ao modo de o Jornal e do Estado assumirem o Nordeste Goiano como miserável, “*é tudo uma questão de prisma!*”.

Então, o que resta é a possibilidade da “reconstrução” da forma desses agentes olharem o Nordeste Goiano, com seus moradores e suas identidades. Se estas identidades foram “construídas” discursivamente, está na hora de serem refeitas levando em consideração a “construção” feita pelos atores regionais que residem no interior desse “Nordeste”.

### Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Massangana: São Paulo: Cortez, 1999.
- ALMEIDA, M<sup>a</sup> GERALDA de. A reinvenção da natureza. *Espaço e cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 17, jan/jun. 2003.
- CARVALHO, Gisélia Lima. *Região e Identidade: a construção de um “Nordeste” em Goiás*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/IESA da Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.





- DEMO, Pedro. *Pobreza política*. São Paulo: Editora dos autores associados, 1980.
- FRÈMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.
- GIMÉNEZ, Gilberto. Território, cultura e identidades. In: BARBERO, J. M. et. al. (Org.). *Cultura y región*. Colombia: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas – Centro de Estudios Sociales, 2000.
- MELLO, João Baptista F. de. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, out/dez, 1990.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1983.
- URIARTE, Urpi. Multiculturalismo e identidade. Dilemas e perspectivas no caso peruano. *Perspectivas*, São Paulo, n. 20/21, p. 223-246, 1997/1998.
- O POPULAR. Miséria esvazia as cidades. Goiânia, 18 jun. 2000. *Cidades*, p. 1B, 2B, 3B e 4B.
- \_\_\_\_\_. Os vários mundos de Goiás. Goiânia, 2 set. 2001. *Cidades*, p. 1B, 2B, 3B e 4B.
- \_\_\_\_\_. Herança maldita. Goiânia, 05 de janeiro de 2003. *Opinião*. p. 9.
- \_\_\_\_\_. Os melhores e piores lugares para viver em Goiás. Goiânia, 07 de janeiro de 2003. *Cidades*. p. 1.
- \_\_\_\_\_. Os extremos em Goiás. Goiânia, 12 de janeiro de 2003. *Cidades*. p 1, 2, 3 e 4.